

PESSOAS, RECURSOS E ROBÔS

A quarta revolução industrial combina múltiplas tecnologias que estão a gerar mudanças de paradigmas sem precedentes na economia, na gestão dos negócios e nas formas de vida nas sociedades. Em realidade, não se trata apenas de mudar o “quê” e o “como” de fazer as coisas; trata-se também de mudar aquilo “que somos”.

Apesar da ideia generalizada de que esta poderosa nova vaga de industrialização irá trazer-nos novas possibilidades de termos vidas mais longas, mais saudáveis, mais ativas e mais interessantes, as opiniões dividem-se no que toca ao impacto das tecnologias emergentes no mercado de trabalho:

- Uns acreditam que, apesar da destruição massiva de muitos empregos, a tecnologia vai trazer uma nova era de prosperidade, em que os trabalhadores que vierem a ser “desalojados” do processo produtivo pela robotização, encontrarão novos empregos e uma maior dignidade nas relações de trabalho;
- Outros, ao contrário, receiam que vá conduzir ao desemprego a uma escala mundial, acentuando o fosso entre os que vão conseguir “surfear” com sucesso as poderosas ondas do futuro e os (muitos) outros que vão ficando cada vez mais desapossados dos recursos necessários para garantir a sua sobrevivência.

Neste contexto, a pergunta subsiste: vamos reafirmar a importância das pessoas como o reduto fundamental do sentido das organizações, ou vamos tratá-las como meros recursos, cada vez mais descartáveis no processo de **digitização**?